

# Junção em contexto de aquisição de escrita: uma abordagem das tradições discursivas

(Junction in the context of the acquisition of writing:  
an approach of discursive traditions)

**Lúcia Regiane Lopes-Damasio**

Universidade Estadual Paulista (Unesp/FCL Assis)

luregiane@assis.unesp.br

**Abstract:** This paperwork aims mainly at describing and analyzing the behavioral course of the techniques of the junction, used in discursive traditions (DTs). Starting from the general hypothesis that the junction mechanisms may be taken as *symptomatic* elements to come to some classification of various DTs, we try to identify, in the behavioral course of such mechanisms, possible reflexes of *mixtures* of DTs. Therefore we aim at obtaining conclusions on the characteristics of the texts and the tradition in which they are inserted, focusing on the context of acquiring DTs from written texts.

**Keywords:** junction; discursive tradition; acquisition of writing.

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo central descrever e analisar o comportamento das técnicas de junção, empregadas em tradições discursivas (TDs). Partindo da hipótese geral de que os mecanismos de junção podem ser tomados como elementos *sintomáticos* para se chegar a uma classificação das diferentes TDs, procura-se identificar, no comportamento desses mecanismos, possíveis reflexos de *mesclas* de TDs, visando, portanto, à obtenção de conclusões acerca das características dos textos e da tradição em que se inserem, a partir de um enfoque no contexto de aquisição de TDs da escrita.

**Palavras-chave:** junção; tradição discursiva; aquisição de escrita.

## Introdução

Este trabalho, desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a linguagem* (GPEL), coordenado pelo Prof. Dr. Lourenço Chacon, parte do pressuposto de que os esquemas de junção de um texto, com suas possibilidades de realização variáveis, no que tange à arquitetura sintática e às relações lógico-semânticas e cognitivas, constituem um fenômeno sintomático para a apreensão da tradição discursiva (TD) em que o texto se insere (KABATEK, 2005a). Trata-se, de certo modo, de colocar, no centro de investigação, o comportamento dos elementos juntivos enquanto índices de *mesclas* de TDs, especificamente, no contexto de aquisição de TDs no modo escrito de enunciação, e, dessa forma, de procurar respostas para as questões: o emprego de mecanismos de junção pode refletir as *mesclas* de TDs durante o processo de aquisição de TDs da escrita? Se sim, de que modo é possível analisar estas *mesclas*?

A fim de lançar um olhar sobre essas perguntas, o objetivo do trabalho é descrever e analisar o comportamento das técnicas de junção, empregadas em TDs distintas, buscando identificar, nesse comportamento, possíveis reflexos de *mesclas de TDs*, a fim de comprovar a hipótese de que os juntores são elementos “sintomáticos” (KABATEK, 2008, 2005a, 2005c, 2004), capazes de realizar indicações desse tipo. Para tanto, após a

apresentação do método e do *corpus* da pesquisa e de sua fundamentação teórica, serão realizadas: (i) uma descrição analítica das técnicas de junção, em diferentes TDs, a partir das relações lógico-semânticas e da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa (HALLIDAY, 1985; RAIBLE, 2001; 1992, apud KABATEK, 2005a/c); e (ii) a partir dos resultados de (i), a identificação de indícios linguísticos da existência de *mesclas* de TDs, no âmbito da aquisição de TDs no modo escrito de enunciação. Em (i) e (ii), serão observados, no comportamento da junção, traços da relação oral/falado e letrado/escrito em consonância com as diferentes TDs e *mesclas* de TDs.

O universo da investigação é composto por 50 textos extraídos do Banco de dados sobre aquisição de escrita infantil, constituído para subsidiar os trabalhos do GPEL.<sup>1</sup> O material selecionado reúne produções textuais de alunos de uma escola pública (Romano Calil) localizada na periferia da cidade de São José do Rio Preto (SP).

Quanto ao método, são conjugadas as abordagens quantitativa e qualitativa, em duas etapas principais: (i) seleção, a partir da análise qualitativa, dos textos em que ocorre a *mescla* de TDs; e (ii) mapeamento analítico dos esquemas de junção, com a caracterização dos juntores, baseada no cruzamento dos parâmetros sintático e lógico-semântico-cognitivo, com o intuito de alcançar possíveis indícios da correlação entre esses mecanismos e as *mesclas* de TDs.

## Para uma abordagem, três enfoques

### Um enfoque nas tradições discursivas

O conceito de TD, introduzido por Koch e pesquisado, nas últimas décadas, especialmente no âmbito da linguística romântica alemã, recebeu contribuições teóricas de vários autores, como Coseriu (1979), Aschenberg (2003), e, em especial, Kabatek (2005a; 2005b; 2005c; 2006; 2008) dentre outros. Atualmente, tem sido aplicado também no âmbito dos estudos históricos do português brasileiro e do espanhol da América em pesquisas que tratam de mudança linguística, pragmática discursiva, gêneros textuais e também de questões relativas à aquisição de escrita.

Para a apresentação do conceito de TD, retomo a concepção coseriana de língua, historicista e oposta à doutrina saussuriana. Para Coseriu (1979), trata-se de assinalar os limites do aspecto estrutural, que não representa mais do que uma visão parcial da projeção sincrônica de um mais complexo edifício histórico. Assim, o conceito coseriano de língua não coincide com o de Saussure, uma vez que a “língua” se situa em um momento ulterior de análise da linguagem como fenômeno concreto e corresponde melhor à linguística histórica que à teórica” (COSERIU, 1952/1962, p. 15 apud KABATEK, 2008, p. 8).

Em sua teoria da linguagem, Coseriu (1979) propõe três níveis linguísticos. O *nível universal* corresponde à capacidade inata que nós, seres humanos, temos de falar. O segundo nível, o *histórico*, equivale à língua com suas especificidades, ou seja, aos idiomas particulares. Já no último nível, o *atual* ou *individual*, a língua se concretiza, através de

---

<sup>1</sup> As propostas de produção textual foram elaboradas e aplicadas por Cristiane C. Capristano, na época pós-graduanda do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) da Universidade Estadual Paulista (Unesp). As coletas foram realizadas com periodicidade quinzenal, de 2001 a 2004, e os alunos acompanhados, portanto, durante as quatro primeiras séries do ensino fundamental.

enunciados e textos, no “ato linguístico [...] de um indivíduo determinado numa situação determinada” (COSERIU, 1981, p. 272 apud KOCH, 2008, p. 53).

Koch (2008) introduz, nos níveis coserianos, o domínio das TDs, que pertence ao *histórico*, mas se distingue das línguas históricas particulares. Essa modificação exige, portanto, uma ampliação do conceito de historicidade que possibilite a distinção de uma historicidade particular da língua e das TDs. Dessa forma, as TDs podem estar ligadas a finalidades fundamentais — por exemplo, um “bom dia”, que se caracteriza como um ato de fala — e também a finalidades mais complexas e exclusivas de determinadas culturas, como as TDs mediadas pela escrita. Nessa perspectiva, em uma abordagem geral, a TD pode ser entendida como modos tradicionais de dizer/escrever, sendo que esses modos podem ir desde fórmulas simples até um gênero complexo.

É importante, portanto, entender o conceito de acordo com toda sua generalidade, referindo-se a todos os tipos de tradição de textos, não unicamente às complexas. É nesse sentido que, por exemplo, o emprego de uma forma de tratamento, como *vossa excelência*, no discurso parlamentar, mesmo em meio a palavras injuriosas para destratar um opositor, seria uma TD, por evocar um discurso que unifica os políticos como pertencentes a um mesmo grupo cultural (LOPES, 2012, p. 22).

No caso das TDs complexas, pode haver uma ou mais tradições de falar/escrever dentro delas — que, por sua vez, correspondem a um gênero particular —, o que mostra que *os gêneros são tradições de falar/escrever, mas que nem todas as tradições de falar/escrever são gêneros.*<sup>2</sup> Assim, o objetivo do ato comunicativo é filtrado pela organização linguística, onde os signos são escolhidos, seguindo regras sistemáticas e normais de uma língua particular, e, concomitantemente, a ordem textual, responsável pela atualização de determinada(s) TD(s).

Sob essa base conceitual, Oesterreicher (1997) define TD como moldes normativos, convencionalizados, que guiam a transmissão de um sentido mediante elementos linguísticos em sua produção e recepção. O termo, bastante generalizante por englobar todos os elementos históricos relacionáveis com um texto, abarca, segundo Kabatek, uma ampla gama de fenômenos. Por essa razão, o autor propõe uma definição mais geral de TD, insistindo no fato de que não se trata de um sinônimo de *gênero*, *tipo textual*, etc., mas de um conceito que inclui todo tipo de tradição do falar/escrever, e também subgêneros ou tradições dentro de um mesmo gênero, tipos textuais ou tradições dentro de um mesmo tipo:

Entendemos por tradição discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou de falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação com qualquer finalidade de expressão ou com qualquer elemento de conteúdo cuja repetição estabelece um laço entre atualização e tradição, isto é, qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados. (KABATEK, 2005a, p. 159)

A partir dessa definição, o princípio da existência das TDs é tomado como universal: falar/escrever não é só falar/escrever algo a alguém de acordo com as regras de uma língua

<sup>2</sup> Neste trabalho, considero fala e escrita como modos de enunciação heterogêneos.

(seu *sistema e norma*), mas é também falar/escrever algo segundo uma determinada tradição textual, que mostra como fazê-lo. Segundo Kabatek (2004, p. 252-253), esse princípio deriva da economia da atuação humana.

Dessa forma, Kabatek (2004, p. 253-254) afirma que uma TD pode se formar a partir de qualquer elemento significável, formal ou de conteúdo, que estabelece um laço entre *atualização e tradições textuais*. As TDs implicam, então, a ligação de um texto com outro em determinado momento histórico, via repetição, total, parcial, ou apenas formal. Essa ligação é chamada de evocação, ou seja, “a relação de tradição de uma TD tem então duas faces, a TD propriamente dita e a constelação discursiva que a *evoca*” (KABATEK, 2006, p. 511, grifo nosso).

Os traços fundamentais para o estabelecimento de uma TD são, portanto, a *repetição* e a *evocação*. Para exemplificar, Lopes (2008) destaca o emprego, no português brasileiro, da forma de tratamento “*senhor/senhora* para uma pessoa mais velha e desconhecida com quem não se tem nenhum tipo de intimidade” (p. 22). Acrescento que esse emprego ocorre também para pessoas conhecidas que, por serem mais velhas, são tratadas com respeito, mesmo por aqueles com quem há intimidade. Nesses casos, nossa tradição recomenda o uso dessas formas mesmo não havendo impedimento gramatical para a utilização de *você/tu*. De acordo com a perspectiva adotada, essas estratégias são *evocadas* por situações concretas que se *repetem*; a situação *evoca* outros encontros semelhantes em que se pronunciam as mesmas estratégias. Destaco, ainda, duas afirmações de Kabatek (2006): uma TD é mais do que um simples enunciado; é um ato linguístico que relaciona um texto com uma realidade, uma situação; e uma TD não é um texto repetido sempre da mesma maneira, pode ser também uma forma textual ou uma combinação particular de elementos.

O enfoque nos estudos das TDs que interessa a este trabalho é referente à descrição de suas características particulares. Nessa direção, segundo Kabatek (2005b), ao invés de estabelecer largas listas de características de diferentes TDs, o que dificulta a comparação, é mais apropriado observar elementos *sintomáticos* para chegar, por essa via, a uma abordagem coerente das diferentes TDs. Em Kabatek (2005a/c), como proponho neste trabalho, os elementos *sintomáticos* eleitos para esse fim são os *juntores*. Na esteira desse autor, a partir da relação entre TD e mecanismos de junção, observarei, no processo de aquisição de TDs, no modo escrito de enunciação, o emprego de tais mecanismos e se esse emprego pode indiciar a *mescla* de TDs.

## **Um enfoque na aquisição de escrita**

À luz de estudos de Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (2002), dados de escrita inicial caracterizam-se como um material importante para o estudo do processo geral por meio do qual se constitui e se modifica a complexa relação entre o sujeito e a linguagem, uma vez que contribuem para a discussão da natureza dessa relação no âmbito de uma teoria da linguagem perpassada pelas TDs. Em relação a isso, as autoras afirmam que “a aquisição da escrita é um momento particular de um processo mais geral de aquisição da linguagem. Nesse momento, em contato com a representação escrita da língua que fala, o sujeito reconstrói a história de sua relação com a linguagem” (p. 22). Refletindo sobre a própria linguagem, esse sujeito a manipula conscientemente quando está usando sua

forma escrita de uma maneira diferente de quando usa a própria fala. A escrita é, desse modo, um espaço em que surgem características que refletem uma imagem de escrita criada a partir da escola e traços da oralidade, uma vez que se desenvolve no sistema oral de pensamento. Essas características, por si só, garantem o caráter heterogêneo da escrita.

Esse espaço privilegia a observação de manifestações da singularidade dos sujeitos,<sup>3</sup> tomadas aqui como hipóteses e operações desses sujeitos, e não como faltas/erros. Também nessa direção, Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson afirmam:

Durante algum tempo, muitos pesquisadores teimavam em ver os primeiros enunciados infantis como manifestações “imperfeitas” de uma gramática “adulta”, objeto sempre presente para a sua contemplação, do qual, como se por simples força das circunstâncias, as crianças iam aos poucos se apropriando. Tomada a gramática adulta como referência e necessário ponto de chegada, eram então descritas as gramáticas infantis em termos das suas “faltas” e “imperfeições”, avaliando-se o progresso na aquisição com base no que ainda deveria ser aprendido. Considerações idênticas podem ser feitas sobre os primeiros trabalhos voltados para a aprendizagem da escrita, em que a obsessão pelo modelo adulto transparece na análise das primeiras produções escritas infantis, análise que desconsidera as operações da criança sobre a linguagem escrita e as hipóteses que continuamente elabora na tentativa de compreender o funcionamento da escrita. (2002, p. 18-19)

As hipóteses e operações dos sujeitos, no processo de aquisição de escrita, associam-se não apenas à alfabetização, como é tradicionalmente entendida, mas também à observação das diferentes TDs, abrangendo as regras da língua, as regras das TDs e a forma como o sujeito se relaciona com elas. Assim, conforme Longhin-Thomazi (2011), dizem respeito à inserção dos sujeitos nas práticas formais de letramento, bem como permitem a observação de dois traços recorrentes: (i) o contar, que se identifica com a essência da atividade linguística desses sujeitos; e (ii) a repetição de juntores, que se identifica, por sua vez, com o contar e com a significação que une recortes ou fragmentos de outros textos, pertencentes a tradições orais e informais, como o diálogo familiar, cotidiano, e a tradições orais e formais, como a oralidade letrada da professora em ambiente escolar. Os textos analisados registram a convivência entre as práticas sociais orais e letradas, de modo a configurar o que chamo aqui de heterogeneidade constitutiva da escrita, nos moldes de Corrêa (1997).

Não estou com isso propondo um caminho natural e direto do oral para o escrito, mas destacando o papel das tradições da oralidade, que a criança já domina, no processo de aquisição de escrita. Ao papel da oralidade, soma-se, ainda, o papel das tradições que estarão ligadas à imagem da escrita passada pela escola. As tradições orais e formais e essa imagem de escrita ligam-se à presença do outro, interlocutor fisicamente presente ou representado e ponto de referência necessário para o sujeito em constituição. No caso deste estudo, a professora, muitas vezes, assume esse papel. Os dados mostram “marcas deixadas pelo sujeito e pelo outro que com ele interage, nos movimentos dessa interação” (ABAURRE; FIAD; MAYRINK-SABINSON, 2002, p. 42).

---

<sup>3</sup> Sujeito entendido como “individuação”, referente à circulação dialógica do escrevente, que, portanto, só possui individualidade em relação ao conceito de dialogia.

## Um enfoque nos esquemas de junção

Raible (2001, 1992, apud KABATEK, 2005a/c) chama *junktion* a dimensão universal da linguagem que permite a sistematização das diferentes técnicas linguísticas usadas para *juntar/combinar* elementos proposicionais. Nessa direção, os juntores são analisados, conforme a metodologia de Raible (2001), a partir da conjugação de dois eixos, com diferentes graus de complexidade, a saber; um sintático (vertical) e outro semântico (horizontal). No eixo sintático, parte-se dos elementos mais agregadores até os mais integradores, ou seja, da simples justaposição até os casos de hipotaxe.<sup>4</sup> Ao eixo vertical, acrescenta-se o horizontal, em que se somam as relações semântico-cognitivas expressas pelos juntores, seguindo uma “escala cognitiva de complexidade crescente”, construída em Lopes-Damasio (2011), a partir de estudo tipológico de Kortmann (1997). Conferir Esquema 1 (em que P = parataxe e H = hipotaxe):

	Adição	Alternância	Modo	Comparação	Tempo simultâneo	Tempo contingente	Tempo anterior	Tempo posterior	Causa	Condição	Finalidade	Contraste	Concessão
P													
H													

Esquema 1. Critério bidimensional de análise dos mecanismos de junção

De acordo com esse esquema, em que está previsto o cruzamento dos eixos sintático e semântico-cognitivo, uma mesma relação semântica pode encontrar possibilidades variadas de expressão táctica. Essa forma de analisar os mecanismos de junção distancia-se, portanto, da tradição gramatical, em que são associadas “por exemplo, adversidade e coordenação, condição e subordinação” (LONGHIN-THOMAZI, 2011, p. 230-231). A análise se fundamenta, assim, num modelo funcionalista de linguagem em que a relação entre as orações está pautada na não discretude dos processos de junção e, ao mesmo tempo, no cruzamento entre as informações sintáticas e semânticas.

Em relação ao grau de interdependência, o sistema de taxa se desdobra em parataxe e hipotaxe. A distinção entre elas encontra-se nos aspectos gramaticais das unidades envolvidas: (i) se ambas as orações são livres e constituem, assim, cada uma, um todo funcional, a construção é paratática (ordem fixa); (ii) se, por outro lado, uma oração domina/modifica a outra, é dominante e, portanto, nuclear, enquanto a outra é dependente e, portanto, modificadora, a construção é hipotática (há dependência).

Em relação ao crescente de complexidade cognitiva das relações semânticas (eixo horizontal), destaco sua relação com a unidirecionalidade da mudança semântica, constatada em diversos trabalhos (KORTMANN, 1997; LONGHIN-THOMAZI, 2011;

<sup>4</sup> A integração desse autor engloba as formas de interdependência de orações, propostas por Halliday (1985), incluindo também o encaixamento, isto é, vai desde a justaposição até formas extremas de interdependência, como a nominalização, passando por etapas de subordinação/encaixamento. Como destacado anteriormente, aqui, a análise se estenderá até a hipotaxe.

LOPES-DAMASIO, 2011), que aponta para uma relação de derivação entre as categorias espaciais e modais em direção a tempo e causa, condição, contraste e concessão (CCCC); e de derivação entre tempo e CCCC.

A análise das relações desempenhadas pelos juntores, de acordo com esse critério bidimensional, será usada como argumento indicativo da circulação do escrevente pelo (seu) imaginário sobre a escrita e da dialogia com o já falado/escrito, em contextos determinados, sócio-historicamente, ou seja, contexto de sala de aula, em uma turma de 1º ano do ensino fundamental, intrinsecamente associado ao processo de aquisição de escrita. A peculiaridade desse tratamento encontra-se no fato de enxergar a prática de textualização não como *produto textual* — no sentido de que há um produtor de texto que se antecipa ao próprio texto, enquanto fonte/origem do dizer —, mas como um processo de textualização em que sujeito/escrevente e seu texto se constituem.

## Sob esses enfoques, uma proposta de análise

### As técnicas de junção em contextos de *mesclas* de tradições discursivas

A Tabela 1 mostra as quantidades relativas a cada mecanismo de junção usado pelos escreventes de acordo com o critério bidimensional e revela a maior recorrência dos casos de parataxe (total de 405 ocorrências) em relação aos de hipotaxe (total de 54 ocorrências).

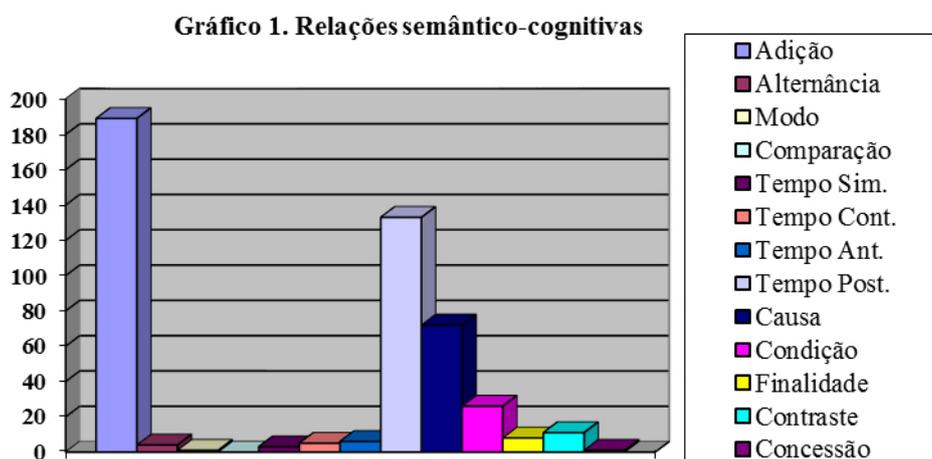
**Tabela 1. Aplicação do critério bidimensional de análise dos mecanismos de junção**

	Adição	Alter-nância	Modo	Compa-ração	Tempo simultâneo	Tempo contingente	Tempo anterior
P	Ø (90) e (78) e também (16) mas (2) também (1) que (1) então (1)	ou (4)				às vezes (1)	primeiro (3) e (1) agora (1)
H			gerúndio (1)		depois (1) enquanto (1) quando (1)	quando (3) sempre quando (1)	gerúndio (1)

	Tempo posterior	Causa	Condição	Finalidade	Contraste	Concessão
P	Ø (47) e (48) aí (13) aí depois (1) daí (4) e depois (14) depois (5) em seguida (1)	e (23) porque (14) Ø (15) que (1) aí (2) por isso (5) então (1) já que (1) agora (1)			e (3) mas(4) aí (1) então (1) só que (1)	
H		porque (6) por (1) gerúndio (1) que (1)	quando (18) se (8)	para (7) para que (1)	invés de (1)	mesmo que (1)

De forma genérica, no eixo horizontal, a relação de sentido mais presente nos textos é a de *adição* (189 ocorrências), aqui considerada como *neutra* — há a possibilidade de alteração da ordem das orações articuladas com o mínimo prejuízo de sentido. Em seguida, tem-se a relação de *tempo posterior*, constatada em 133 ocorrências. A relação de *causa* foi observada em 72 casos, seguida pela de *condição* (26 casos) e, por fim, pela relação de *contraste* (11 casos). O Gráfico 1 ilustra esses dados:



Os mecanismos de junção que apresentam frequência *token* mais significativa são: *e* (153),  $\emptyset$  (152), *quando* (22), *porque* (20), *aí* (16), *e depois* (14), *se* (8) e *para* (8). A multifuncionalidade desses itens está ligada às relações semântico-cognitivas de adição, tempo, causa e condição, como mostrado no Gráfico 1.

Partindo dessa breve quantificação, analiso, neste trabalho, alguns dos mecanismos de junção mais recorrentes, em relação às TDs e *mesclas* de TDs: casos de *justaposição*, *e*, *quando* e *porque*.

### Os usos de *justaposição*

Os casos de *justaposição* estão relacionados à *parataxe* e codificam as relações semântico-cognitivas de *adição* (90 ocorrências), *tempo posterior* (47) e *causa* (15). Para exemplificar o funcionamento dessa estratégia, destaco o texto a seguir (01), produzido a partir da proposta “Conhecimentos prévios sobre a audição”, em que as crianças precisavam responder às seguintes questões: (a) Como as pessoas escutam os sons?; (b) Como podemos ajudar uma pessoa e/ou criança que está com dor de ouvido?

- (01) Aleo  $\emptyset$  óleo  $\emptyset$  agudam  
 $\emptyset$  pelo: ovido cabesa  
 $\emptyset$  poermedo ovido [0101-16]<sup>5</sup>

Na primeira linha do texto, identifica-se uma TD de listagem em que ocorrem *justaposições*, estabelecendo relações de adição neutra. Essa TD encaminha para as outras duas linhas em que se observa uma TD injutiva (*põe no ouvido, cabeça/põe remédio no ouvido*), na qual há relações temporais (tempo posterior), codificadas pelas outras duas

<sup>5</sup> O código das ocorrências é composto por: ano de produção do texto (01, equivalente a 2001), número da proposta no banco de dados (01) e número de identificação do escrevente (16).

ocorrências de justaposição (*primeiro põe o óleo no algodão e depois coloca [o remédio] no ouvido, na cabeça*).

Há uma identificação desse texto com a TD de resposta, atendendo à solicitação feita na proposta, mais especificamente na pergunta (b). Para alcançar seu objetivo comunicativo de “responder”, o sujeito mescla tradições, em enunciado que apresenta as características de listagem e de injunção. O mecanismo utilizado para estabelecer a junção, a justaposição de termos e orações, pode ser destacado, portanto, como o mecanismo tático usado na estruturação do texto, com sentidos que podem ser inferidos a partir dos itens lexicais em face da proposta de texto que é conhecida.

O texto (02) foi produzido a partir da proposta “A verdadeira história dos três porquinhos”. O pesquisador perguntou se as crianças conheciam a história dos três porquinhos e, em decorrência das respostas afirmativas, pediu a uma delas que a contasse. Depois, disse que aquela não era a verdadeira história, e acrescentou que havia encontrado o diário do lobo, no qual, ele contava a verdade. Em seguida, leu-lhes a história e pediu que escrevessem uma das versões ou criassem uma nova.

(02) Éra uma vez um lobo bom Ø eutava	dai eu arepiei ratim Ø eu derrubei
fazéno um bolo para minha	querida dai foi na ota casa tu-tu-tu- ratim Ø
vóvo e dai eu foi boscar um poco de	quebo. Eu foi na casa de tijolo tu-tu-tu
açucar dai eu bati na porta tu-tu-tu	ratim dai poriso que eu fique mal. [0106-31]

O texto começa com a fórmula<sup>6</sup> “*Éra uma vez...*”, de acordo com a TD esperada a partir da proposta (conto/história infantil). Em seguida, passa a ser desenvolvido com foco em primeira pessoa, ou seja, o lobo conta a sua própria história. Para “contar”, o sujeito apoia-se em tradições orais e informais, imprimindo, em seu texto, aspectos do diálogo familiar/cotidiano. Há, portanto, uma mescla de TDs na constituição deste texto narrativo, no que tange à aproximação de uma tradição escrita (fórmula “*Era uma vez...*”) e de uma tradição oral (*diálogo*), sem que seja constatada uma diferenciação no tipo de mecanismo de junção observado em relação à análise bidimensional. Registra-se, pois, a convivência entre as práticas sociais orais e letradas, caracterizando a heterogeneidade constitutiva da escrita (CORRÊA, 1997) e também a *mescla* de TDs.

Para isso, são usadas justaposições em que há uma marcação temporal icônica, na qual as ações que compõem a narrativa “imitam” a sequência de ações que se dão no mundo, conforme exemplificam (i) e (ii):

- (i) [...] *eu arepiei ratim Ø eu derrubei* [...]
- (ii) [...] *ratim Ø quebo*[...]
- (iii) *Éra uma vez um lobo bom Ø eutava fazéno um bolo para minha querida vóvo* [...]

Em (iii), a relação de tempo posterior, codificada pela justaposição, diferencia-se daquela observada em (i) e (ii). Nesse caso, o escrevente, num primeiro momento, marca a inserção de seu texto na tradição desejada, que é a narrativa (constitutiva da história infantil), para só em seguida começar de fato a narrar. Assim, a relação temporal não é icônica em relação à ordem de ações realizadas no mundo, mas à ordem de ações realizadas por esse escrevente na constituição de seu texto.

6 De acordo com Kabatek, essa fórmula em si mesma configura também uma TD.

Na proposta “Precisando de óculos?”, foi perguntado às crianças se elas gostavam de bichos e se tinham algum. Em seguida, foi apresentada a elas uma revista que continha uma reportagem, descrevendo um animal estranho: a anta. O texto foi lido duas vezes e posteriormente foi solicitado que escrevessem aquilo que haviam entendido.

- |  |  |
|--|--|
| (03) Usando óculos<br>Anta.<br>A femia é maior do que o macho Ø o<br>filhotes e quem a mãe Ø a anta não<br>enxerga direito Ø ela fica trombando nas<br>árvores Ø ela gosta de coisa salgada Ø os | <i>cassadores põem sacolas de sal e quando<br/>chóve molhaosal e as coisas que ela come<br/>fição salgadas e também ela é muito grande<br/>Ø ela é grande do tamanho de um elefante<br/>Ø é ela é mamífera [0107-18]</i> |
|--|--|

Nesse texto, o escrevente apresenta, em forma de TD listagem, uma série de características da anta. Nessa listagem descritiva, é inserida uma TD narrativa (em itálico) em que conta o que acontece com a anta por ela gostar de coisas salgadas. Há, portanto, nesse texto, uma mescla entre as TDs descritiva e narrativa também marcada por justaposição com acepção aditiva neutra. Além das ocorrências de justaposição que marcam adição neutra, chamo a atenção para aquelas em que é codificada uma relação de causa paratática, em que há dependência da ordem das orações e em que a acepção está fortemente associada à noção de explicação, permitindo paráfrases por *por isso*:

- (i) [...] *a anta não enxerga direito Ø ela fica trombando nas árvores*
- (ii) [...] *ela gosta de coisa salgada Ø os cassadores põem sacolas de sal [...]*

### Os usos de e

Os usos de *e* relacionam-se à *parataxe* e codificam as relações semântico-cognitivas de *adição* ( $e = 78$ ; *e também* = 16), *tempo anterior* (1) e *posterior* ( $e = 48$ ; *e depois* = 14), *causa* (23) e *contraste* (3). A multifuncionalidade e a polissemia de *e*, tema de vários estudos de cunho funcionalista, aqui será tomada como índice do trânsito do escrevente por distintas relações semântico-cognitivas, menos e mais complexas, conjugadas à *parataxe*.

O texto a seguir foi produzido a partir da proposta “Palestra sobre voz”. Nesse dia, as crianças assistiram a uma palestra sobre audição e a um teatro de fantoches sobre os cuidados com a voz. Após a palestra, foi solicitado que escrevessem sobre o que elas haviam compreendido.

- |  |   |
|--|---|
| (04) eu escutei uma paléstra da Cristiane<br>e de quatro meninas e de Renata e o méis<br>pasado ela falou do ovido e oge<br>ela falo comé que agente souta son<br>pela boca Ø tem o motorzinho que é<br>labinrinto que sobe pelo pumãou<br>mais tem os labinrinto e machucar | <i>o caninho e machuca toda agarganta<br/>é muito perigoso e pode atémorer<br/>Ø tén um caraso na garganta.<br/>Ø A xiquinha todo dia ela fala com<br/>os animais éra a vaca o boi o pasarin e<br/>burro. [0113-05]</i> |
|--|---|

Nesse texto, há uma mescla entre a TD relato e a TD narrativa (em itálico). A junção entre essas duas TDs também é feita por meio da justaposição com acepção aditiva. O texto mostra, ainda, ocorrências do *juntor e* com distintas acepções, tais como adição neutra (i), tempo anterior (ii), tempo posterior (iii) e causa paratática (iv):

- (i) [...] *mais tem os labirinto e machucaro caninho e machuca toda agarganta é muito perigoso [...]*
- (ii) *eu escutei uma paléstra da Cristiane e de quato meninas e de Renata e o méis pasado ela falou do ovido e oge ela falo comé que agente souta son pela boca [...]*
- (iii) *eu escutei uma paléstra da Cristiane e de quato meninas e de Renata e o méis pasado ela falou do ovido e oge ela falo comé que agente souta son pela boca [...]*
- (iv) [...] *mais tem os labirinto e machucar o caninho e machuca toda agarganta é muito perigoso e pode atémorer [...]*

O texto a seguir foi produzido a partir da mesma proposta:

- |   |   |
|---|---|
| <p>(05) Eu lembro que tem um cano que chama laringe e traquéia e dentro tem as cordas vocais, e um um caminho que vai pro nariz e para a boca que chama faringi Ø <i>vocês sabem que a gente tem um motor na garganta que da o ar</i> só que para soltar o ar temos que encher o pumão de ar e <b>depois</b> do pumão vai para o motor e <b>depois</b> para a boca. Em um teatro de fantoches aprendi que não pode gritar porque machuca as cordas vocais e não pede pede falar enquanto corre, Ø não pode tomar muita água gelada. <u>No teatro de fantoche tem uma menina que chama Chiquinha e ela</u></p> | <p><u>tinha dois amigos o burro e uma vaca</u> Ø o burro estava com a voz ruim Ø a vaca gostava de cantar opera e opera faz mau para as cordas vocais Ø o professor de Chiquinha falou isso e as irmãs de chiquinha falavam ao mesmo tempo e chiquinha falou que vai ajudar seus amigos e suas irmãs, Ø <i>vocês sabem que a voz do papai e a voz da vovó tem diferença</i> Ø a diferença é que a voz da vovó é mais fina do que a voz do papai, Ø <u>no dia seguinte eles estavam felizes e com a voz bonita e saldavel</u>. Quando você quer falar com um amigo e ele está longe tem que fazer gestos ou dar açobios porque se não fais mau para a nossa voz. [0113-07]</p> |
|---|---|

Esse texto começa com uma TD relato, em que, no primeiro parágrafo, o escrevente apresenta o que aprendeu na palestra (*Eu lembro [...] que chama faringi*) e, no segundo, o que aprendeu no teatro de fantoches. Nesse contexto de relato, é acrescida, por meio do mecanismo de justaposição, a TD pergunta, em que o escrevente se dirige diretamente ao interlocutor (*[...] vocês sabem que a gente tem um motor na garganta que da o ar [...]*).

Na segunda ocorrência da TD pergunta, no segundo parágrafo, novamente inserida na TD relato por meio de justaposição, a resposta é imediatamente justaposta (*[...] vocês sabem que a voz do papai e a voz da vovó tem diferença Ø a diferença é que a voz da vovó é mais fina do que a voz do papai [...]*). Em determinado ponto do texto, o relato sobre o teatro de fantoches assume características de uma TD narrativa, em terceira pessoa (*[...] No teatro de fantoche [...] com a voz bonita e saldavel [...]*) e termina com uma TD injuntiva, em que é apresentado um conselho. (*[...] Quando você quer falar com um amigo e ele está longe tem que fazer gestos ou dar açobios porque se não fais mau para a nossa voz.*).

Nesse texto, repleto de *mesclas* de TDs, observam-se ocorrências em que *e* permite inferência de contraste, como em (i), e ocorrências de *e depois* com acepção de tempo posterior, como em (ii), conforme significado do advérbio que o acompanha:

- (i) [...] *Quando você quer falar com um amigo e ele está longe tem que fazer gestos ou dar açobios porque se não fais mau para a nossa voz.*
- (ii) [...] *só que para soltar o ar temos que encher o pumão de ar e depois do pumão vai para o motor e depois para a boca.*[...]

### Os usos de *quando*

Os usos de *quando* associam-se à interdependência *tática*, em contextos que propiciam a leitura mais abstrata de *condição* (18 ocorrências), a partir de relações *temporais* marcadas pelo traço de indefinição — *tempo contingente* (4 ocorrências).

O texto (06), também produzido a partir da “Palestra sobre voz”, traz ocorrências de *quando* com acepção de *tempo contingente* e *condição*. Nesse texto, novamente, há a TD relato e a narrativa, em terceira pessoa, com inserções de discurso direto. Aqui, as duas TDs são apresentadas separadamente, constituindo textos distintos.

- |  |  |
|--|--|
| <p>(06) Eu lembro que a traqueia<br/>tem um cano do motorzi<br/>que sechama laringa Ø lembro<br/>tanbem da faringi e<br/>das cordas vocais <b>quando</b><br/>você grita as cordas vocais<br/>comesão bater forte e pode fazer<br/>você ficar roco e podi<br/>ficar mudo mais a<br/>garganta doi Ø doi e doi.</p> | <p>Era uma vez uma<br/>Menininha que chamavava<br/>chiguinha <b>senpre quando</b> ela<br/>acordava senpre dava bom<br/>dia primeiro ela foi falar<br/>com o borrico Ø falou bom dia<br/>borrico bom dia chiguinha nossa<br/>borrico você esta com uma<br/>vos estou roco Ø o borrico<br/>foi enbora ai apareceu<br/>a vaca bou tarde vaca<br/>boua tarde chiguinha [0113-12]</p> |
|--|--|

A ocorrência de *quando* seguindo imediatamente o advérbio *sempre* torna explícita a acepção de *tempo contingente*, inferível nos dados relativos a esse item. Na primeira ocorrência de *quando*, entretanto, é possível a inferência de condicionalidade, a partir dessa leitura de tempo contingente, em que a eventualidade/habitualidade resulta em uma implicatura de condição, marcada, morfossintaticamente, pela presença do verbo no presente: “**quando/se** você grita as cordas vocais comesão bater forte”.

O texto (07), produzido a partir da mesma proposta, além de ocorrências que permitem leitura *condicional*, traz usos de *quando* associados a *tempo simultâneo*:

- |  |  |
|--|--|
| <p>(07) Eu lembro que tinha um que chamava –<br/>larinja – Ø faringi – Ø traqueia –<br/><b>quando</b> gritamos as nossas cordas<br/>vocais começa bater uma na outra bem<br/>forte que pode até machucar – <b>quando</b><br/>respiramos o ar passa pela faringi Ø vai<br/>para o pumão para falar e depois ele<br/>sobe devolta Ø passa pela faringi e só.</p> | <p>um dia uma menina chamada chiquinha<br/>foi visitar seus bichos <b>quando</b> deu oi para<br/>o burro deu um bondia fino e ela perguntou<br/>nossa mas que voz horrivel [...] [0113-10]</p> |
|--|--|

O que diferencia esse texto de outros produzidos a partir da mesma proposta, expostos anteriormente, é a presença da TD listagem (em itálico), além das TDs relato e narrativa. Na lista, o escrevente apresenta os dados sobre a palestra, usando traços para a indicação das justaposições entre termos e da interdependência de orações, iniciadas por *quando*. O uso desse sinal gráfico, observado também em outras produções, indica a associação entre a lista e a justaposição com acepção de adição neutra.

Nesse contexto, tem-se, em (i) e (ii), ilustrações de usos hipotáticos de *quando* que permitem inferência condicional e, em (iii), ocorrência de *tempo simultâneo*, em que o Estado de Coisas descrito na oração X ocorre no momento do tempo em que se dá o descrito na Y, respectivamente associados a contextos morfossintáticos com verbos no presente, em (i) e (ii), e no pretérito perfeito, em (iii), em ambas as orações (nuclear e modificadora) do complexo:

- (i) [...] *quando/se* gritamos as nossas cordas vocais começa bater uma na outra bem forte [...]
- (ii) [...] *quando/se* respiramos o ar passa pela faringi [...]
- (iii) [...] *quando* deu oi para o burro deu um bondia fino [...]

### Os usos de *porque*

Os usos de *porque* encontram-se no interior do macro sistema de *causa* (KORTMANN, 1997) e desempenham função sintática em contextos paratáticos (14 ocorrências) e hipotáticos (6).

O texto (08) foi produzido a partir da proposta “Carta para a Renata 02”. Nesse dia, o pesquisador levou uma carta da aluna do curso de Fonoaudiologia que havia ministrado a palestra sobre audição. Esta carta foi enviada como resposta às cartas escritas pelas crianças em uma proposta anterior, que também compõe o *corpus*.

- |  |  |
|--|--|
| (08) Rénata por favor colóque o seu<br>filho aqui nessa escola por favor<br><b>porque</b> esa escola é boua sabeporque<br>não tem escola mais boua que ésa | escola sabe porque seipri eu venho<br>eos dias eu não veinho <b>porque</b> eu chego<br>atrasado <b>epor</b> muintas coisas<br>que eu fasso na escola [0104-12] |
|--|--|

O texto se aproxima de um pedido, com trechos argumentativos, fortemente marcados por aspectos do diálogo, ou seja, pela oralidade, tais como repetições de termos e expressões (*por favor; sabe porque?*). Os usos de *porque* estão diretamente associados às características dessas TDs. Em contexto de argumentação, o aluno justifica seu pedido, tentando garantir, assim, o convencimento da destinatária:

- (i) [...] *colóque o seu filho aqui nessa escola por favor* (X) **porque** esa escola é boua (Y) [...]

No plano discursivo, esse uso paratático de *porque* marca um adendo em que o escrevente justifica sua colocação anterior. No plano informacional, tanto em X, quanto em Y, são apresentadas informações novas, em duas unidades entoacionais que caracterizam o plano prosódico (PAIVA, 1997). Esses aspectos ajudam a identificar a independência das orações articuladas de forma paratática.

Em (09), apresento um texto produzido com base na proposta “Cartão de natal”. Há, nesse texto, uma mescla entre as TDs cartão de Natal e carta, que, por sua vez, apresenta uma TD argumentativa, no interior da qual destaco o uso de *porque*:

- (09) Este cartão é para a renata a renata e um abraço para todas  
 que éla é muito legal e carinosa as meninas e uu felis natal para  
 e sóto fando esta carta todas meninas e bom ano novo  
 porque a Cristiane veio sínão que todas família sejara um felis  
 eu não ia fazer Ø é com muito natal e que seja bom. [0114-05]  
 carinho e muito amo e para

No plano discursivo, pode ser notada uma relação lógica de efeito-causa, ao invés de uma explicação/justificativa. No plano informacional, em X, tem-se uma informação velha e, em Y, uma informação nova, constituindo uma única unidade entoacional no plano prosódico. São características de uma causa hipotática, associada, entretanto, a um domínio cognitivo mais concreto.

### Considerações finais

A descrição e análise dos comportamentos das técnicas de junção, empregadas em TDs distintas, em contexto de aquisição do modo escrito de enunciação, mostraram que, ao fazer escolhas sobre “como juntar”, nos eixos sintagmáticos e paradigmáticos, as crianças deixam pistas, nos textos, que indicam a heterogeneidade constitutiva da escrita e, intrinsecamente associada a ela, a heterogeneidade constitutiva das próprias tradições em que os textos estão inseridos.

O enfoque nos mecanismos de junção mostrou que os casos de parataxe são mais recorrentes, embora não exclusivos, e que se apresentam associados a uma grande gama de relações de sentido, sendo as de *adição neutra*, *tempo posterior*, *causa*, *condição* e *contraste* as mais recorrentes. Esse resultado torna necessário ressaltar a relevância desse tipo de construção e, em consequência, a necessidade de um refinamento da análise dos indícios linguísticos que sustentam as inferências das relações de sentido inerentes a ela. Da mesma forma, confirma a complexidade dos contextos paratáticos, em que o modo escrito da enunciação revela-se por meio de tradições de textos que se misturam e que se constituem em um diálogo constante, que ora têm como base semiótica o *som*, ora o *gráfico*, que ora é concebido a partir de um modelo de escrita institucionalizada, ora a partir da experiência “oralizante”, em um contexto de aquisição em que o sujeito imprime no papel sua imagem do modo escrito de enunciação.

A comparação dos resultados analíticos possibilitou a apreensão das *mesclas* de TDs, juntamente com os mecanismos de junção que se encontram nos contextos sintáticos em que ocorrem. Como mostram os dados analisados, as escolhas que as crianças fazem em relação ao paradigma dos jutores podem ser consideradas sintomáticas de contextos sintagmáticos de mesclas de TDs. Nessa direção, as justaposições, em contextos que permitem inferências de relações semântico-cognitivas distintas, aparecem recorrentemente nos dados também nos limites entre uma TD e outra, ou seja, como sintoma de *mesclas* de TDs. Entretanto, os mecanismos que ocupam essas posições variam e apresentam, de modo genérico, aspectos táticos e semântico-pragmáticos da TD inserida, tal como podem exemplificar os usos de *porque* em contextos de mescla da TD pedido em cartas, com forte teor argumentativo.

É evidente que este trabalho não termina aqui. Seu papel é mais o de sinalizar um longo caminho a ser percorrido. Apesar disso, seus resultados, além de mostrarem que os

mecanismos de junção podem refletir a *mescla de TDs* no processo de aquisição de TDs no modo escrito de enunciação, mostram também que uma forma possível de analisar essa *mescla* é a partir de um olhar para os mecanismos de junção que os enxergue como marcas linguísticas da relação entre o oral/letrado e o falado/escrito.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. *Cenas de Aquisição de escrita*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

ASCHENBERG, H. Diskurstraditionen – Orientierungen und Fragestellungen. In: ASCHENBERG, H.; WILHELM, R. (Org.). *Romanische Sprachgeschichte und Diskurstraditionen*. Tübingen: Narr, 2003. p. 1-18.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. 1997. 435f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1997.

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to Funcional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

KABATEK, J. *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Madrid: Iberoamericana, 2008.

\_\_\_\_\_. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. In: CIAPUSCIO, G.; JUNGBLUTH, K.; KAISER, D.; LOPES, C. (Ed.). *Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas en Latinoamérica*. Madrid: Iberoamericana, 2006. p. 151-172.

\_\_\_\_\_. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. *Lexis XXI*, Lima, v. 39, n. 2, p. 151-177, 2005a.

\_\_\_\_\_. Sobre a historicidade dos textos. *Linha d'água*, São Paulo, v. 17, p. 157-170, 2005b.

\_\_\_\_\_. Las tradiciones discursivas del español medieval: historia de textos e historia de la lengua. *Iberoamericana*, [s.l.], v. 62, p. 28-43, 2005c.

\_\_\_\_\_. Tradiciones discursivas jurídicas y elaboración lingüística en la España medieval. *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, [s.l.], v. 27, p. 249-261, 2004.

KOCH, P. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. In: KABATEK, J. (Ed.). *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Madrid: Iberoamericana, 2008. p. 53-87.

KORTMANN, B. *Adverbial Subordination: a typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages*. Berlin-New York : Mouton de Gruyter, 1997.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Aquisição de tradições discursivas: marcas de uma escrita heterogeneamente constituída. *Alfa*, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 225-248, 2011.

LOPES, C. R. S. Tradição textual e mudança linguística: aplicação metodológica em cartas de sincronias passadas. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. (Org.). *História do Português brasileiro no Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 2012. p. 17-54.

LOPES-DAMASIO, L. R. *Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a assim: um novo enfoque da gramaticalização*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

OESTERREICHER, W. Zur Fundierung von Diskurstraditionen. In: FRANK, B.; HAYE, T.; TOPHINKE, D. (Org.). *Gattungen mittelalterlicher schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, 1997. p.19-41.

PAIVA, M. C. Cláusulas causais adendo: uma variante de ordenação? *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, ano 2, v. 2, p. 5-21, jan./jun. 1997.

RAIBLE, W. Linking clauses. In: HASPELMATH, M. et al. (Ed.) *Language typology and language universals: an international handbook*. Berlin: Walter de Gruyter, 2001. p. 590-617.